



POR PEDRO DE TOLEDO PIZA,

ADVOGADO AMBIENTAL
DA PÖRYR TECNOLOGIA.
✉: PEDRO.PIZA@POYRY.COM

A SUSTENTABILIDADE EM 2015

Mais do que nunca, em 2015 o Brasil precisará ser sustentável em diversos âmbitos, para não apenas sobreviver, mas desenvolver-se em território desfavorável ao crescimento

O tema da sustentabilidade não é novo, mas recorrente na pauta das empresas. Em 2014, despertou atenções a partir dos seguintes enfoques: *a)* maior transparência, materializada pela incrível melhora dos relatórios de sustentabilidade e melhor comunicação sobre produtos e serviços; *b)* melhor entendimento da gestão do carbono e avaliação das opções de neutralizar e mitigar emissões; *c)* crescente venda de livros eletrônicos; *d)* primeiros impactos da Política Nacional de Resíduos Sólidos, com os debates sobre os acordos setoriais; *e)* balanço dos dois anos de aplicação do novo Código Florestal com o Cadastro Ambiental Rural e o Plano de Regularização Ambiental; e *f)* no apagar das luzes, em debates sobre os desafios da crise hídrica em São Paulo.

Mais do que nunca, em 2015 o Brasil precisará ser sustentável em diversos âmbitos, para não apenas sobreviver, mas desenvolver-se em território desfavorável ao crescimento. O País terá de encontrar formas de manter-se competitivo e mais produtivo, vencendo adversidades do cenário macroeconômico, para atender às demandas do mercado do setor de celulose e papel. Vale afirmar que essa questão de impacto de mercado e economia é apenas uma das faces da busca pela sustentabilidade.

O equilíbrio do tripé da sustentabilidade que envolve as áreas financeira, ambiental e social não é atingido espontaneamente. De acordo com a situação, é preciso priorizar um desses pilares, para que o equilíbrio se mantenha. É assim que, na prática, o conceito de sustentabilidade se



processa na Pöyry Tecnologia. Neste ano, as atenções estarão voltadas ao meio ambiente, com foco especial na gestão dos recursos hídricos, sem perder de vista a importância das diversas questões sociais e econômicas.

Ainda sobre a parte ambiental da sustentabilidade, o setor industrial e, por consequência, o de celulose e papel, deverão estar atentos às possíveis restrições de outorga e diminuições de vazão em corpos hídricos. De solução nada simples, a discussão é pautada pela presença ativa tanto do governo quanto da sociedade civil. Para que este desafio possa ser superado pelo setor e para que sejam alcançadas as metas propostas, é preciso ter um roteiro de ações bem estruturadas, que deve passar a ser o livro de cabeceira do empresário, a orientar seu plano de negócios pela sustentabilidade equilibrada em todo o processo, sem estar presa a métricas preestabelecidas e sendo feita "top down".

O *Guia de Sustentabilidade para as Empresas*, do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, por exemplo, informa que os casos de sucesso incorporam profissionais com profundo conhecimento das políticas públicas que podem impactar seus setores de negócios (escassez de recursos hídricos, restrição de aquisição de terras por estrangeiros, mudanças climáticas, criação de bacias aéreas em saturação, etc). Com a chamada "publicização" de direitos individuais e coletivos e sua transformação em direitos difusos, a sociedade passa a ter poder para interferir direta ou indiretamente em determinado negócio ou setor produtivo que é estimulado a evoluir.

A necessidade da busca pela inovação em processos produtivos será também uma tendência neste ano, principalmente em se tratando da superação dos desafios da crise hídrica. Já temos exemplos fabulosos de consumo específico de água por tonelada de celulose e disposição de energia verde, como no caso da Lwarcel Celulose. É possível, todavia, inovar e aumentar o leque de oportunidades numa planta de celulose e papel, seja pela produção de biocombustível, etanol de celulose ou até pela maior eficiência na cogeração de energia e na economia de água. Todo esse conjunto de melhorias alimenta o pilar ambiental da sustentabilidade com inovação.

A inovação pode dar início a novas empresas ou ramos de negócios (radical); pode ser de melhora (incremental) ou até dar origem a tecnologias que se julgavam impossíveis (disruptiva). Aos que pretendem ampliar suas visões sobre essas formas de inovar sugiro a leitura de *A terceira Revolução Industrial*, de Jeremy Rifkin.

Logo, essa tendência de inovar com sustentabilidade dá origem a uma outra, com a qual se completa: a

de novos negócios e novos mercados. Ainda há parte do público a acreditar que o papel fabricado no Brasil é oriundo de mata nativa. Faz-se necessário engajar a cadeia a montante e a jusante de seu processo, pela criação tanto de oportunidades de beneficiar seu fornecedor de matéria-prima quanto de valor no produto que realmente incorpora a sustentabilidade. Nesses termos estão os três pilares da sustentabilidade, a partir de condições dignas de trabalho, renda, fixação do homem no campo e ambiente de trabalho que propicie felicidade e estímulo ao funcionário.

No âmbito social, o caráter colaborativo desta era que vivemos também surge como tendência de estímulo à sustentabilidade equilibrada em prol do aumento da competitividade. Nesse sentido é fundamental colocar um pequeno grupo de profissionais motivados e de propósitos alinhados com um líder para coordenar o ataque ao foco do problema, de modo a equalizar o valor financeiro da redução de custos e os lucros resultantes da ação colaborativa. Como exemplo vale citar a nova sede da Fibria, no conceito de estações de trabalho coletivas, mesclando colaboração, produtividade, transparência e confiança.

Ao compartilhar com vocês algumas tendências relativas à sustentabilidade, fica evidente que o pilar ambiental, com específico enfoque na questão da água, será o primeiro desafio na agenda das empresas para 2015. Demorou, mas a guerra pela água parece ter se iniciado. O tema ferveu em debates marcados por farpas e terrorismo eleitoral, programas de televisão que mostravam reservatórios vazios e anúncios de possíveis restrições de outorga em bacias hidrográficas, como a dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ), Paraíba do Sul e provavelmente outras.

Esse preocupante tema evaporou-se no vácuo de propostas e nas simplórias ilações dos reeleitos governador paulista e presidente Dilma, que pretendem desnudar um santo para vestir outro ao cogitar tomar as águas do Paraíba do Sul em favor da Região Metropolitana de São Paulo. Tal assunto assume uma dimensão incalculável, pois afeta diretamente o setor de celulose e papel, que deverá estar presente em fóruns governamentais, da indústria e da sociedade civil organizada para fazer-se presente e apontar suas efetivas contribuições à produção de recursos hídricos em suas florestas e à preservação desses recursos com o uso das mais modernas tecnologias, além de sua disposição em continuar sendo um setor paradigmático na proteção dos recursos econômicos naturais. ■

A necessidade da busca pela inovação em processos produtivos será também uma tendência neste ano, principalmente em se tratando da superação dos desafios da crise hídrica